

Uma Vida Humana

Max Stirner

1844

A partir do momento em que enxerga a luz do mundo, o homem procura descobrir-se e sair da confusão em que ele, com todo o resto, é lançado numa mistura heterogênea.

Mas tudo o que entra em contato com a criança defende-se, por sua vez, contra os seus ataques e afirma a sua própria persistência.

Assim, porque cada coisa cuida de si mesma e ao mesmo tempo entra em constante colisão com outras coisas, o combate da auto-afirmação é inevitável.

Vitória ou derrota – entre as duas alternativas o destino do combate oscila. O vencedor torna-se o senhor, o vencido o súdito: o primeiro exerce a supremacia e os “direitos de supremacia”, o último cumpre com admiração e deferência os “deveres de um súdito”.

Mas ambos permanecem inimigos e estão sempre à espreita: vigiam as fraquezas um do outro – os filhos, as dos seus pais e os pais, as dos seus filhos (por exemplo, o seu medo); ou a vara conquista o homem, ou o homem conquista a vara.

Na infância, a libertação toma o sentido de tentar chegar ao fundo das coisas, chegar ao que está “por trás” das coisas; por isso espiamos os pontos fracos de todos, para os quais, como se sabe, as crianças têm um instinto seguro; portanto, gostamos de quebrar coisas, de vasculhar cantos escondidos, de procurar o que está encoberto ou fora do caminho e de tentar o que podemos fazer com tudo. Quando chegamos ao que está por trás das coisas, sabemos que estamos seguros; quando, e, por exemplo, chegamos ao fato de que a vara é muito fraca contra nossa obstinação, então não a tememos mais, ”a superamos”.

Atrás da vara, mais poderosa que ela, está nossa obstinação, nossa coragem obstinada. Aos poucos, chegamos ao que está por trás de tudo o que era misterioso e estranho para nós, o poder misteriosamente temido da vara, o olhar severo do pai, etc., e por trás de tudo encontramos nossa ataraxia, nossa imperturbabilidade, intrepidez, nossa força contrária, nossas probabilidades de força, nossa invencibilidade. Diante daquilo que antes nos inspirava medo e deferência, não recuamos mais com timidez, mas tomamos coragem. Por trás de tudo encontramos a nossa coragem, a nossa superioridade; Afinal, por trás do comando incisivo dos pais e das autoridades está a nossa escolha corajosa ou a nossa esperteza astuciosa. E quanto mais nos sentimos, menor parece aquilo que antes parecia invencível. E qual é a nossa malandragem, astúcia, coragem, obstinação? O que mais senão... espírito!

Durante um tempo considerável, somos poupados de uma luta que mais tarde será tão exaustiva: a luta contra a razão. A parte mais bela da infância passa sem a necessidade de brigar com a razão. Não nos importamos absolutamente nada com isso, não nos intrometemos nisso, não admitimos nenhuma razão. Não devemos ser persuadidos de nada pela convicção e somos surdos aos bons argumentos, princípios, etc.; por outro lado, é difícil resistir à persuasão, à punição e afins.

Este duro combate de vida ou morte com a razão entra mais tarde e inicia uma nova fase; na infância, corremos sem quebrar muito a cabeça.

Espírito é o nome da primeira autodescoberta, da primeira identificação do divino, do estranho, dos fantasmas, dos ”poderes superiores”. Nosso novo sentimento de juventude, esse sentimento de identidade, agora não se presta a nada; o mundo está desacreditado, pois estamos acima dele, somos espírito.

Agora, pela primeira vez, vemos que até agora não olhamos para o mundo de forma inteligente, mas apenas olhamos para ele.

Exercitamos o início de nossa força em poderes naturais. Nós nos submetemos aos pais como um poder natural; mais tarde dizemos: Pai e mãe devem ser abandonados, todo poder natural deve ser considerado obsoleto. Eles estão vencidos. Para o racional homem “intelectual” não existe família como

poder natural; surge uma renúncia dos pais, dos irmãos, etc. Se estes “nascerem de novo” como forças espirituais e racionais, não serão mais o que eram antes.

E não só os pais, mas os homens em geral, são conquistados pelo jovem; eles não são um obstáculo para ele e não são mais considerados; por enquanto ele diz: É preciso obedecer a Deus e não aos homens.

Desse ponto de vista elevado, tudo o que é “terreno” recua para um afastamento e é repudiado; pois o ponto de vista é o celestial.

A atitude está agora totalmente invertida; o jovem assume uma posição intelectual, enquanto o menino, que ainda não se sentia como espírito, cresceu em um processo de aprendizado insensato. O primeiro não tenta apoderar-se das coisas (por exemplo, colocar na sua cabeça os dados da história), mas dos pensamentos que estão ocultos nas coisas, e assim, por exemplo do espírito da história. Por outro lado, o menino sem dúvida entende as conexões, mas não as ideias, o espírito; portanto, ele encadeia tudo o que pode ser aprendido, sem proceder a priori e teoricamente, ou seja, sem criar ideias.

Assim como na infância era preciso superar a resistência das leis do mundo, agora em tudo o que ele propõe ele se depara com uma objeção da mente, da razão, da sua própria consciência. “Isso é irracional, anticristão, antipatriótico” e coisas do gênero, clama a consciência para nós e nos afasta disso. Não é o poder da vingadora Eumênides, nem a ira de Poseidon, nem Deus, na medida em que ele vê o oculto, não a vara de punição do pai, que tememos, mas a consciência.

Nós “corremos atrás de nossos pensamentos” agora e seguimos seus comandos assim como antes seguíamos os dos pais, humanos. Nosso curso de ação é determinado por nossos pensamentos (ideias, concepções, fé), assim como na infância pelas ordens de nossos pais.

Por tudo isso, já pensávamos quando éramos crianças, só que nossos pensamentos não eram incorpóreos, abstratos, absolutos, isto é, NADA ALÉM DE PENSAMENTOS, um paraíso em si, um mundo puro de pensamentos, pensamentos lógicos.

Pelo contrário, eram apenas pensamentos que tínhamos sobre uma coisa; pensamos na coisa mais ou menos. Assim, podemos ter pensado “Deus fez o mundo que vemos aí”, mas não pensamos [“procurar”] nas “profundezas da própria Divindade”; podemos ter pensado “essa é a verdade sobre o assunto”, mas não pensamos na Verdade em si, nem unimos as duas ideias em uma frase “Deus é a verdade”. Não pensamos nas “profundezas da Divindade, que é a verdade”. Sobre tal, julgamos como puramente lógico e como questões teológicas: “O que é a verdade?” Pilatos não para, embora não hesite em verificar em um caso individual “que verdade há na coisa”, isto é se a coisa é verdade.

Qualquer pensamento vinculado a uma coisa ainda não é nada além de um pensamento, um pensamento absoluto.

Trazer à luz o pensamento puro, ou fazer parte do seu partido, é o deleite da juventude; e todas as formas de luz no mundo do pensamento, como a verdade, a liberdade, a humanidade, o Homem, etc., iluminam e inspiram a alma jovem.

Mas, quando o espírito é reconhecido como o essencial, ainda faz diferença se o espírito é pobre ou rico e, portanto, procura-se tornar-se rico em espírito; o espírito quer espalhar-se para fundar o seu império – um império que não é deste mundo, o mundo recém-conquistado. Assim, então, ele deseja tornar-se tudo em si mesmo; embora eu seja espírito, ainda não sou um espírito aperfeiçoado e devo primeiro buscar o espírito completo.

Mas com isso eu, que acabava de me encontrar como espírito, perco-me novamente de uma vez, curvando-me diante do espírito completo como se não fosse meu, mas sublime, e sentindo meu vazio.

O espírito é o ponto essencial de tudo, com certeza; mas então todo espírito é o espírito “certo”? O espírito correto e verdadeiro é o ideal do espírito, o “Espírito Santo”. Não é o meu nem o seu espírito, mas apenas um espírito ideal e sublime, é “Deus”. “Deus é espírito.” E este sublime “Pai que está no céu dá-o àqueles que oram a ele”.

O homem distingue-se do jovem pelo fato de aceitar o mundo tal como ele é, em vez de o considerar errado em todo o lado e querer melhorá-lo, ou seja; modele-o de acordo com seu ideal; nele se confirma a visão de que se deve lidar com o mundo de acordo com seus interesses, e não de acordo com seus ideais.

Enquanto alguém se conhece apenas como espírito e sente que todo o valor da sua existência consiste em ser espírito (torna-se fácil para o jovem dar a sua vida, a “vida corporal”, por nada, pelo mais tolo ponto de honra), enquanto alguém tiver apenas pensamentos, ideias que espera poder realizar algum dia, quando tiver encontrado uma esfera de ação; portanto, entretanto, temos apenas ideais, ideias ou pensamentos não executados.

Não até que alguém se apaixone por seu eu corpóreo e sinta prazer em si mesmo como uma pessoa viva de carne e osso – mas é na idade adulta, no homem, que descobrimos isso – não antes disso tem um interesse pessoal ou egoísta, ou seja, um interesse não só do nosso espírito, por exemplo, mas de satisfação total, satisfação de todo o sujeito, um interesse do ego. Basta comparar um homem com um jovem e ver se ele não lhe parecerá mais duro, menos magnânimo, mais egoísta. Ele é, portanto, pior? Não, dizem; ele apenas se tornou mais definido ou, como também chamam, mais “prático”. Mas o ponto principal é que ele se coloca mais no centro do que o jovem, que está apaixonado por outras coisas, por exemplo, Deus, pátria e assim por diante.

Portanto o homem mostra uma segunda autodescoberta. O jovem encontrou-se como espírito e perdeu-se novamente no espírito geral, no espírito completo, santo, Homem, humanidade, – em suma, todos os ideais; o homem se vê como espírito encarnado.

Os meninos tinham apenas interesses não intelectuais (isto é, interesses desprovidos de pensamentos e ideias), os jovens apenas interesses intelectuais; o homem tem interesses corporais, pessoais e egoístas.

Se a criança não tem um objeto com o qual possa se ocupar, ela sente tédio; pois ainda não sabe ocupar-se consigo mesmo. O jovem, ao contrário, joga o objeto de lado, porque para ele os pensamentos surgiram do objeto; ele se ocupa com seus pensamentos, seus sonhos, se ocupa intelectualmente, seu espírito está ocupado.

O jovem inclui tudo o que não é intelectual sob o nome desdenhoso de “externalidades”. Se, no entanto, ele se apegar às externalidades mais triviais (por exemplo, os costumes dos clubes de estudantes e outras formalidades), é porque, e quando, ele descobre nelas a inteligência, quando elas são símbolos para ele.

Assim como me encontro por trás das coisas, e isso como mente, mais tarde devo me encontrar também por trás dos pensamentos, isto é, como seu criador e proprietário. No tempo dos espíritos, os pensamentos cresceram até ultrapassarem a minha cabeça, de quem ainda eram descendentes; eles pairavam ao meu redor e me convulsionavam como fantasias febris – um poder terrível. Os pensamentos tornaram-se corpóreos por si mesmos, eram fantasmas, como Deus, o Imperador, o Papa, a Pátria, etc. Se eu destruir a corporeidade deles, então os tomo de volta em mim e digo: “Só eu sou corpóreo”. E agora considero o mundo como o que ele é para mim, como meu, como minha propriedade; Refiro-me tudo a mim mesmo.

Se como espírito eu afastei o mundo com o mais profundo desprezo, então como proprietário afastei os espíritos ou ideias em sua “vaidade”. Eles não têm mais poder sobre mim, assim como nenhum “poder terreno” tem poder sobre o espírito.

A criança era realista, ocupada com as coisas deste mundo, até que pouco a pouco conseguiu descobrir o que estava por trás dessas mesmas coisas; o jovem era idealista, inspirado por pensamentos, até chegar onde se tornou o homem, o homem egoísta, que lida com as coisas e pensamentos de acordo com o prazer do seu coração, e coloca o seu interesse pessoal acima de tudo. Finalmente, o velho? Quando eu me tornar um, ainda terei tempo suficiente para falar sobre isso.

Biblioteca Anarquista



Max Stirner
Uma Vida Humana
1844

O Único e Sua Propriedade

bibliotecaanarquista.org